

Do desgaste à responsabilidade: o novo ciclo político português – Por Amadeu Ricardo

written by Amadeu Ricardo | 15 de Outubro, 2025

OCIDADÃO
Análise e Opinião

OPINIÃO
Amadeu Ricardo



Os resultados autárquicos revelam um país em mutação: o PSD avança, o PS recua, o Chega afirma-se e a esquerda clássica sofre uma erosão. Mas por detrás das vitórias e derrotas eleitorais está algo mais profundo – uma crise de representação e um teste de maturidade política. Tanto o PS como o PSD têm agora que decidir que tipo de relação querem para reconstruir com o país.

Situação factual

O PSD sai reforçado, conquistando mais câmaras do que em 2021,

incluindo Lisboa, Porto, Gaia, Sintra e Cascais.

O PS perde terreno, deixando de ser a principal força autárquica e falhando na recuperação de várias capitais de distrito.

A CDU sofreu uma derrota significativa, passando de 19 para 12 câmaras e perdendo bastiões históricos como Évora e Setúbal.

O Chega conquistou as suas primeiras autarquias, tornando-se uma força real no terreno local.

O Bloco de Esquerda obteve um resultado residual, perdendo votos e a respectiva visibilidade.

Nma Perspectiva Filosófica

A erosão da esquerda clássica e o crescimento da direita populista refletem uma crise de legitimidade.

Os cidadãos não se sentem representados pelas estruturas políticas tradicionais. O voto já não é apenas ideológico – é emocional e identitário.

O Chega capitaliza a frustração dos que se sentem invisíveis; o PS e a CDU sofrem por parecerem parte de um sistema que já não inspira confiança.

A democracia continua viva, mas exige novas narrativas: mais humanas, mais próximas, mais claras.

Nma Perspectiva Sociológica

A instabilidade económica, a inflação e o custo da habitação criam um clima de insegurança material.

As promessas de estabilidade soam vazias quando o fim do mês é uma incerteza.

As gerações mais jovens, formadas nas precárias, vivem a contradição de terem qualificação sem o futuro garantido.

Isso alimenta uma raiva social difusa e abre espaço para discursos simplificadores e antissistémicos.

A política local, por sua vez, continua a ser um espaço onde a proximidade pessoal pesa mais que o discurso ideológico – e quem a negligencia paga caro.

O que o PS precisa de refletir e corrigir

Estes resultados são um sinal de alarme para o Partido Socialista.

O partido continua central no panorama político, mas mostra uma fadiga e desconexão com a base social que o sustentou durante décadas.

1. Reaproximar-se da realidade social.

O PS deve voltar a falar a linguagem das pessoas comuns: do custo de vida, da habitação, da mobilidade.

A tecnocracia não mobiliza – a empatia, sim.

2. Renovar quadros e práticas.

Muitas estruturas autárquicas socialistas estão envelhecidas e fechadas.

É tempo de abrir espaço a novas lideranças, com legitimidade de base e laços reais com as comunidades.

3. Reencontrar uma narrativa mobilizadora.

Ser o partido da estabilidade não basta.

É necessário um novo projeto de socialismo democrático, capaz de inspirar, inovar e responder aos desafios ecológicos, digitais e sociais.

4. Ouvir o descontentamento antes que ele mude de campo.

Grande parte do eleitorado que migra para o Chega ou se abstém já foi socialista.

O PS deve voltar a ouvir, compreender e incluir quem se afastou.

5. Reinventar a governação local.

Mais participação cidadã, mais transparência e menos burocracia.

As autarquias são o primeiro rosto da política – e esse rosto tem de ser próximo e confiável.

O que o PSD também tem de fazer

A vitória do PSD nas autarquias é inegável – mas é também um teste de responsabilidade.

Ganhar é um ato eleitoral; governar bem é um ato moral e político.

1. Mostrar que é alternativa, não apenas oposição.

O PSD precisa de provar que não é apenas o reflexo do desgaste do PS.

Tem de oferecer um projeto claro de governação local – com resultados visíveis e políticas que falem para todos, não só para o seu eleitorado natural.

2. Equilibrar eficiência e inclusão.

A promessa de gestão eficiente é importante, mas não pode traduzir-se em frieza social.

As câmaras lideradas pelo PSD terão de mostrar que sabem conciliar contas equilibradas com políticas humanas – habitação, coesão e sustentabilidade.

3. Construir quadros locais sólidos.

A força do PSD nas autarquias dependerá da qualidade dos seus autarcas.

É fundamental investir em lideranças locais com visão, competência e ligação ao território, evitando o risco de caciquismo ou improvisação.

4. Provar que a mudança é credível.

O eleitorado que confiou no PSD fá-lo, em parte, por cansaço com o PS.

Se não sentir diferença real na gestão local, pode facilmente desmobilizar ou virar-se para opções mais radicais.

5. Reforçar o compromisso com a democracia local.

Transparência, diálogo e responsabilidade são essenciais.

A vitória deve ser um ponto de partida para fortalecer a confiança nas instituições – não para celebrar o declínio das outras forças.

O que está em jogo

O PSD enfrenta o desafio de transformar a vitória em governação eficaz.

O Chega será testado pela realidade: gerir é mais difícil do que contestar.

O PS tem que reencontrar propósito e proximidade.

A CDU e o BE precisam de se reinventar para não se tornarem memórias históricas.

A política portuguesa está a entrar numa nova fase: menos previsível, mais fragmentada, mais exigente.

Conclusão

Estas eleições autárquicas são mais do que uma redistribuição do poder local – são um termómetro da democracia portuguesa.

Mostram um país inquieto, dividido entre o cansaço com o sistema e o desejo de mudança.

O PS precisa de reaprender a ouvir; o PSD, de provar que pode servir melhor; e o Chega, de mostrar se sabe governar o que conquistou.

O futuro político português dependerá, sobretudo, da capacidade dos partidos de voltarem a representar – e não apenas a administrar – o povo que os elegeu.